

Instituto de Ensino Superior ICEV

Curso: Bacharelado em engenharia de software

Discente: Gustavo Felix do Rego

Docente: Dimmy Magalhaes

**RESENHA DESCRITIVA
DO ARTIGO COMPUTING MACHINERY AND INTELLIGENCE**

Alan Mathison Turing Computing Machinery and Intelligence. Mind.

Ano:1950, Oct.,1950.

Esta é uma resenha descritiva do artigo intitulado "COMPUTING MACHINERY AND INTELLIGENCE" o artigo é de autoria de Alan Turing.

Alan Mathison Turing (1912-1954) foi um matemático, lógico, e pioneiro da ciência da computação britânico. Considerado um dos pais da computação moderna e da inteligência artificial. Turing teve um papel fundamental na decifração do código Enigma durante a Segunda Guerra Mundial, o que contribuiu para a vitória dos Aliados

Resumo

O artigo "Computing Machinery and Intelligence", escrito por Alan Turing tem o intuito de explorar a questão de se as máquinas podem pensar e propõe um teste, conhecido como Teste de Turing como é conhecido quando é jogado por uma máquina, para avaliar a capacidade de uma máquina de exibir comportamento inteligente similar ao de um humano. Faz um breve discurso sobre as críticas ao teste de Turing. Ele também discute a possibilidade de máquinas serem sencientes e as implicações éticas da IA.

As ideias de Turing ainda são relevantes e influentes no debate sobre a inteligência artificial.

Resenha

Alan Turing inicia o artigo propondo o jogo da imitação como método para avaliar o comportamento da máquina de se comportar como um ser humano apresentando o problema de determinar se as máquinas podem pensar e contextualiza o debate em torno da inteligência artificial. O teste consiste em um interrogador humano que conversa com um humano e uma máquina e tenta determinar qual é qual. Se o interrogador não conseguir distinguir entre o humano e a máquina, então a máquina pode ser considerada inteligente.

Turing discute as críticas ao Teste de Turing como A crítica da imitação argumenta que o Teste de Turing apenas mede a capacidade de uma máquina de imitar um humano e não a sua inteligência real. Turing responde que a imitação é um componente importante da inteligência e que o Teste de Turing é uma medida válida da capacidade de uma máquina de pensar como um humano.

A crítica da antropocentricidade argumenta que o Teste é antropocêntrico, define a inteligência em termos de comportamento humano. Turing responde que não existe uma definição universal de inteligência e que o Teste de Turing é uma medida válida da inteligência em um contexto humano.

A crítica da fácil manipulação argumenta que o Teste é fácil de manipular, pois uma máquina pode ser programada para dar respostas enganosas ao interrogador. Turing defende que o Teste de Turing não é perfeito, mas que é uma medida útil da inteligência das máquinas.

A seção 3 Turing discute a relação entre inteligência e consciência. Argumentando que a capacidade de passar no Teste de Turing não implica que a máquina seja consciente. Ele reconhece que a consciência é um fenômeno complexo que não é totalmente compreendido e que não está claro se as máquinas podem ser conscientes.

A seção 4: Turing examina diferentes aspectos da inteligência humana, como a capacidade de aprender, a capacidade de resolver problemas e a capacidade de usar linguagem. Turing reconhece que o aprendizado é uma característica fundamental da inteligência humana. Ele argumenta que, para ser considerada inteligente, uma máquina deve ser capaz de aprender de suas experiências e melhorar seu desempenho ao longo do tempo. Ele identifica a resolução de problemas como outro aspecto crucial da inteligência. Ele propõe o "jogo da imitação", que se tornou conhecido como Teste de Turing, como forma de avaliar a capacidade de uma máquina de pensar como um humano e reconhece que a linguagem é uma ferramenta fundamental para o pensamento e a comunicação.

Logo na seção argumentos de várias incapacidades, Turing reconhece algumas críticas ao Teste de Turing, como a possibilidade de máquinas serem programadas para enganar o interrogador. Ele argumenta que essas críticas não invalidam o teste como uma medida válida de inteligência. Ele defende o teste como um marco útil para avaliar o desenvolvimento da inteligência artificial, reconhecendo que é apenas um passo em direção a uma compreensão mais completa da inteligência.

Na seção 6 ele examina a objeção de Lady Lovelace, que argumenta que as máquinas só podem fazer o que são programadas para fazer e nunca podem ser criativas ou originais. Ele também considera a objeção de que as máquinas não podem ter "intuição" ou "compreensão". Turing argumenta que, se as máquinas se tornarem sencientes, elas devem ter os mesmos direitos e proteções que os seres humanos. Ele reconhece que essa é uma questão complexa e controversa, mas acredita que é importante começar a pensar sobre ela agora. Ele sugere que a sociedade precisará se preparar para esse evento, por exemplo, investindo em educação e treinamento para novas habilidades e reconhece que o desenvolvimento de sistemas de IA poderosos pode levar a riscos de segurança. propondo assim que os sistemas de IA sejam projetados com mecanismos de segurança para evitar que sejam usados para fins maliciosos.

O artigo apresenta uma visão abrangente das ideias de Alan Turing sobre inteligência artificial e do Teste de Turing. A obra contribui para o debate sobre a inteligência artificial.

Referencias

Turing, A. M. (1950). Computing machinery and intelligence. *Mind*, 59(236), 433-460.